

APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA “MODOS DE APRENDER NA UNIVERSIDADE: DA AUTORREGULAÇÃO AOS PROJETOS DE VIDA”

EMILY MACIEL DA COSTA¹; LOURDES MARIA BRAGAGNOLO FRISON²;

¹Universidade Federal de Pelotas – emilymaciel.c@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – frisonlourdes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que o aluno, ao entrar na universidade, encontra novos desafios no que diz respeito ao processo de aprendizagem. Quando se fala de sucesso ou fracasso, existe uma responsabilização do estudante pelos seus resultados e, por conseguinte, a atribuição destes a competências individuais, o que pode ter efeitos negativos nas suas crenças de autoeficácia, bem como no seu estado motivacional e afetivo (VEIGA SIMÃO; FRISON, 2013). A partir dessa realidade, enxerga-se a autorregulação da aprendizagem como ferramenta para trabalhar essas questões, tendo em vista o fato de que considera funções cognitivas, metacognitivas, motivacionais e comportamentais, além de ressaltar a importância do contexto, que pode inibir ou potencializar a intencionalidade do estudante, assim como seu desejo de aprender (ZIMMERMAN, 2013; VEIGA SIMÃO; FRISON, 2013).

A autorregulação da aprendizagem, defendida por Barry Zimmerman (1989), compreende um processo composto por três fases cíclicas: antecipação, execução e autorreflexão, as quais se complementam entre si e formam o ciclo autorregulatório. A fase de antecipação abrange o momento onde o estudante irá avaliar os próprios aspectos cognitivos, motivacionais e ambientais, que terão influência no estabelecimento de metas e estratégias a serem executadas no decorrer do processo. A segunda fase, execução, ocorre a partir do planejamento das tarefas que serão realizadas, onde o sujeito promove o autocontrole e a auto-observação, o que contribui para a ampliação da aprendizagem. Por fim, a terceira fase do ciclo autorregulatório, conhecida como autorreflexão, abarca o período no qual o estudante reflete sobre os caminhos que percorreu e sobre a eficácia dos métodos que utilizou até então, de modo que possa modificar estratégias que não contribuíram para a sua formação (ZIMMERMAN, 2013).

Considerando as dificuldades que os alunos enfrentam ao ingressarem no ensino superior, o projeto aqui apresentado tem por objetivo geral analisar as diferentes variáveis que permitem a autorregulação da aprendizagem, visando encontrar, através de um programa de intervenção, meios para transpor essas barreiras. Para que isso aconteça, são realizadas oficinas e ateliês autoformativos com a intenção de que os participantes possam refletir sobre a própria aprendizagem e a forma como se organizam, de modo que se tornem sujeitos mais autônomos e ativos nesse processo. Cabe aqui ressaltar que é levado em consideração o pressuposto de que todos os estudantes são capazes de autorregular o modo com que aprendem ao desenvolverem estratégias de acordo com o contexto e em função dos próprios objetivos (ROSÁRIO et AL., 2006).

2. METODOLOGIA

Desenvolvida com estudantes da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) que se inscrevem para participar das atividades, a pesquisa se divide em dois

momentos. O primeiro consiste na coleta de dados junto aos estudantes de graduação através de escalas e questionários, enquanto o segundo trata de uma intervenção denominada “Aprendiz/agem: Circuito de Autorregulação para Aprender”, que trabalha com os estudantes através de oficinas e ateliê (auto)formativo, visando proporcionar a reflexão do aluno acerca do seu desempenho na universidade.

O instrumento utilizado no primeiro momento são as Escalas de Estratégias Autoprejudiciais (BORUCHOVITCH; GANDA, 2013) do tipo Likert, compostas por 19 itens, relativos ao uso de estratégias autoprejudiciais em situações acadêmicas. As respostas variam de 1 (não tem nada a ver comigo) a 4 (me descreve realmente bem). O escore total pode variar entre 19 e 76 pontos e quanto maior a pontuação, mais frequente é o uso de estratégias autoprejudiciais pelos estudantes em contexto acadêmico. Na organização da escala, conta-se com a parceria da Prof.^a Dr.^a Evely Boruchovitch, que tem utilizado a mesma escala em coleta de dados para pesquisas na Unicamp.

As atividades realizadas no momento da intervenção consistem em oficinas autorregulatórias, que são realizadas uma vez por semana durante quatro meses. Nessas oficinas, os estudantes terão a oportunidade de aprender estratégias de autorregulação baseadas no ciclo autorregulatório já citado anteriormente, bem como automonitorar, autoavaliar e autogerenciar o seu processo de aprendizagem. As temáticas das oficinas incluem: construção de estratégias para o controle da ansiedade; gestão do tempo e pedido de ajuda; oficina em prol da leitura e da escrita; resolução de problemas; jogos reflexivos para aprender; e percurssão corporal e criatividade sonora. No começo e ao fim das atividades os estudantes são convidados a responder um questionário a fim de se avaliar a contribuição da oficina para a autorregulação dos alunos.

Neste trabalho destaco especialmente os ateliês (auto)formativos, realizados como intervenção, os quais são inspirados em Delory-Momberger (2008) e são realizados em seis etapas, ao longo de três meses. As etapas discorrem da seguinte forma: os participantes são convidados a pensar sobre como se percebem como estudantes; a identificarem suas características pessoais; a evidenciarem as estratégias que utilizam para aprender; a refletir sobre como vencer as dificuldades; logo após, as reflexões são registradas em um diário para serem analisadas antes, durante e depois dos ateliês; e, por fim, os registros subsidiarão a análise da pesquisa. Os ateliês visam (re)construir e (re)significar o sentido de se estar na universidade através de reflexões e diálogos.

O projeto foi submetido ao comitê de ética da Plataforma Brasil pela resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 do Conselho Nacional de Saúde e pelas determinações da Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. É garantido aos participantes o anonimato, cumprindo os acordos previstos no termo de consentimento livre e esclarecido, preenchido pelos participantes antes do começo das atividades. Os dados são tratados com sigilo, confidencialidade e responsabilidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi criado o Programa “AprendizAGEM: Circuito de Autorregulação para Aprender”, onde são ofertadas oficinas em duas modalidades. Modalidade 1 – Inscrições para estudantes da UFPel: Ateliê (auto)formativo: os sentidos de estar na Universidade; Estratégias autorregulatórias para a resolução de problemas matemáticos contextualizados; Geografia do acolhimento universitário na cidade;

Caixa de Pandora: Vamos falar das emoções?; Modalidade 2 – Professores inscrevem suas turmas para realização de oficinas em sala de aula: Autorregulação em prol da Leitura e Escrita; Estratégias de autorregulação da aprendizagem; O estudante após o ingresso na universidade: reflexões e tensionamentos; Modalidade 3 – Estudantes participantes de uma determinada pesquisa: Estratégias autorregulatórias para aprender na universidade. Além disso, será ofertado acompanhamento individual ou em grupo caso seja solicitado pelos estudantes.

Como propõe Zimmerman (2013) a autorregulação é um processo dinâmico, onde os estudantes ativam seus processos de aprendizagem, tendo mais condições de participar ativamente, desencadeando assim uma melhor compreensão de si e dos conteúdos a serem estudados. Por meio das oficinas autorregulatórias infere-se que os estudantes conseguem ampliar sua tomada de consciência, superando com mais autonomia os obstáculos que surgem, além de trabalhar aspectos cognitivo, comportamental e motivacional.

Pontua-se que o estudante precisa ter consciência e controle dos processos que envolvem a aprendizagem, buscando identificar metas e objetivos para mobilizar estratégias que contribuam para seu aprender (ZIMMERMAN, 2013; ROSÁRIO et al., 2006), e isso as oficinas oferecem como possibilidade.

4. CONCLUSÕES

O presente projeto tem proporcionado a reflexão sobre a autorregulação da aprendizagem, levando os estudantes a questionarem o aprender ao longo da trajetória acadêmica. Percebemos que os participantes, por meio do projeto, e especialmente por intermédio das oficinas ofertadas, conseguem descobrir e utilizar diferentes estratégias para qualificar funções psicológicas superiores tais como memória, atenção, percepção, raciocínio, pensamento e tomada de consciência. Estas oficinas contribuem para o monitoramento, a organização e o pedido de ajuda, de forma a auxiliar os estudantes a identificarem com mais facilidade suas dificuldades, possibilitando superá-las (ZIMMERMAN, 2013).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORUCHOVITCH, E.; GANDA, D. R. Fostering self-regulated skills in an educational psychology course for Brazilian pre-service teachers. **Journal of Cognitive Education and Psychology**, v. 12, p. 157-178, 2013.

ROSÁRIO, P.; MOURÃO, R.; SALGADO, A.; RODRIGUES, A.; SILVA, C.; MARQUES, C.; AMORIM, L.; MACHADO, S.; NUÑES, J.C.; GONZÁLEZ-PIENDA, J.; PINA, F.H. **Trabalhar e Estudar: Sob a lente dos Processos e Estratégias de Auto-regulação da Aprendizagem**. Revista Psicologia, Educação e Cultura - 2006, vol. X, nº 1, p. 77-88.

VEIGA SIMÃO, A. M.; FRISON, L. M. Autorregulação da aprendizagem: abordagens teóricas e desafios para as práticas em contextos educativos. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v.45, p. 02-20, 2013.

ZIMMERMAN, B. From cognitive modeling to self-regulation: a social cognitive career path. **Journal of Educational psychologist**, Washington, v.48, n.3, p.135-147, 2013.